

IAN
MCEWAN

FR**ONTEIRAS**
DO PENSAMENTO

LIBRETO

A GRANDE VIRADA

TEMPORADA 2016



IAN MCEWAN

(Inglaterra, 1948)

Escritor britânico. Um dos mais importantes ficcionistas de sua geração, autor de *Reparação*, *Amsterdã* e *Na praia*.

“Literatura tem a ver com prazer. E é uma forma de exploração, de investigação da natureza humana. Entender a nós mesmos é algo que todos desejamos fazer no nosso breve momento de consciência. O romance, em particular, é a forma ideal para essa investigação.”

Expediente

Fronteiras do Pensamento®
Temporada 2016

Curadoria

Fernando Schüler

Concepção e Coordenação Editorial

Luciana Thomé
Michele Mastalir

Pesquisa

Francisco Azeredo
Juliana Szabluk

Editoração e Design

Lampejo Studio

Revisão Ortográfica

Renato Deitos

www.frenteiras.com

Nascido em Aldershot, na Inglaterra, Ian McEwan é um dos mais importantes ficcionistas de sua geração. Passou grande parte da infância no Extremo Oriente, na Alemanha e no norte da África. Ao voltar para a Inglaterra, estudou literatura inglesa nas universidades de Sussex e de East Anglia, onde teve Malcolm Bradbury como professor.

Iniciou sua trajetória em 1975, com a publicação do livro de contos *First love, last rites*, premiada com o Somerset Maugham. Em 1978, chamou a atenção da crítica com a novela *O jardim de cimento*, livro no qual constrói uma experiência literária áspera e visceral. Com uma prosa precisa e um olhar literário irônico e quase indiferente, é conhecido pela construção de personagens e pela atmosfera de suspense e estranhamento, com enredos sombrios que trazem dilemas de ética e de moral, perversidade, incesto, vingança e redenção.

Em 1998, ganhou o Prêmio Man Booker pelo romance *Amsterdam*. Seu livro mais conhecido, *Reparação*, alcançou grande sucesso mundial e foi escolhido como o melhor romance de 2002 pela revista *Time*, indicado ao Prêmio Booker de Ficção e ao Prêmio Whitbread e vencedor do Prêmio Literário W. H. Smith. Adaptado para o cinema em 2007, recebeu um Oscar de melhor trilha sonora e foi indicado a outras seis categorias, dentre elas a de melhor filme do ano. O livro conta a história de uma jovem aspirante a escritora que comete um crime com efeitos devastadores na vida de toda a família e passa o resto da existência tentando desfazer o mal que causou. O romance tem como pano de fundo a Segunda Guerra Mundial e as tensões de classe da sociedade britânica.

Além de *Reparação*, outras de suas obras foram adaptadas para o cinema: *First love, last rites* em 1997; *O jardim de cimento* em 1993; e *Uma estranha passagem em*

Veneza em 1990. Além da prosa ficcional, McEwan já escreveu roteiros para a televisão e para o cinema.

Em 2007, lançou *Na praia*, romance indicado ao Prêmio Man Booker de ficção e vencedor do British Book como livro e autor do ano. Ao longo da última década, publicou vários romances que continuaram a expandir o seu prestígio, como *Sábado*, *Solar*, *Serena* e *A balada de Adam Henry*, livro mais recente publicado no Brasil e que aborda a defesa da racionalidade científica contra os fundamentalismos religiosos.

Ian McEwan avalia que a razão de o gênero romance sobreviver, apesar de todas as mídias que surgiram nos últimos séculos, é a habilidade que ele tem de fazer o leitor se colocar no lugar de outra pessoa e experimentar outra forma de vida.

IDEIAS

“As decisões dos juízes, dos bons, atingem um alcance filosófico espetacular. Demonstram uma grande compaixão e uma enorme racionalidade, que acredito serem componentes importantes de nosso sistema moral. E, em sua pior vertente, são venais, preguiçosos, irritantes, pouco transparentes e estúpidos. Então, realmente, quis descrever a natureza humana através de uma instituição. O direito da família foi pouco utilizado pelos romancistas, que em geral preferem o assassinato e a violência. Mas está ligado aos dilemas morais do dia a dia. A separação, o futuro dos filhos, o final do amor, a doença. As varas de família estão cheias de histórias humanas muito boas, e muitas vezes inquietantes.”

“Na segunda metade do século XX, os melhores romances – para meu gosto, ao menos – estavam sendo escritos nos Estados Unidos, por autores como Philip Roth, Saul Bellow e John Updike, que é o meu favorito. Todos os três foram influenciados por Kafka, Proust, Joyce, mas também se voltaram para escritores do século XIX, como Tchecov, e estavam interessados em personagens, em mudança social, que eram temas do realismo. Eles aprenderam com o modernismo, mas também souberam recuperar um certo senso da vida comum, do homem da rua, que havia se perdido com o modernismo.”

“Houve um período em que fiquei um tanto inquieto, pois as pessoas não viam o que havia na minha obra além do macabro (sobre o apelido do Ian Macabro, que recebeu da crítica e da imprensa). Mas não chegava a me incomodar. O problema é que, uma vez que isso entrou na minha ficha, os jornalistas continuaram descobrindo o apelido, como se fosse a primeira vez. Ainda hoje, em leituras públicas, às vezes o encarregado de me apresentar faz referência ao apelido, na expectativa de fazer a audiência rir. Mas mesmo o público acabou cansando disso.”

“É verdade que sempre fui um outsider da cultura britânica. Também teve a ver o fato de ter ido para um internato público um tanto experimental. A ideia, agora fora de moda, era transformar meninos da classe operária em meninos de classe média. Era muito estimulante a sensação de ausência de classes. Essa combinação me proporcionou um vago sentimento de exílio, uma certa distância cultural. Quando jovem, trabalhei seis meses como lixeiro em Camden, pendurado em um caminhão. E me dei conta de que, entre as pessoas com quem comia alguma coisa nos descansos, a variedade de inteligências era igual à que se estivesse na universidade. Havia idiotas e pessoas brilhantes. Me fez compreender como a sorte e o acidente do nascimento determinam quem você é.”

ESTANTE



REPARAÇÃO

1ª edição – 2001 /

Edição no Brasil –

Companhia das Letras, 2002

No verão de 1935, Briony vê pela janela uma cena incompreensível – sua irmã mais velha, sob o olhar de um amigo de infância, filho da arrumadeira da família, despe a saia e a blusa para mergulhar, de calcinha e sutiã, na fonte do quintal. A partir desse episódio e de uma sucessão de equívocos, a aprendiz de romancista, movida por uma imaginação fértil, comete um crime que marcará o futuro de toda a família – e Briony passará o resto da vida tentando desfazer o mal que causou.



O JARDIM DE CIMENTO

1ª edição - 1978 /
Edição no Brasil -
Companhia das Letras, 2009

Mesclando elementos da tradição gótica inglesa a um enredo sem qualquer tipo de devaneio lírico, o autor constrói uma experiência literária áspera e visceral: após a morte dos pais, quatro crianças encerram-se no minúsculo mundo do lar, entregando-se a todo tipo de sensações e descobertas bizarras. Com o tempo, passam a mimetizar os papéis dos adultos ausentes, criando uma nova estrutura familiar.

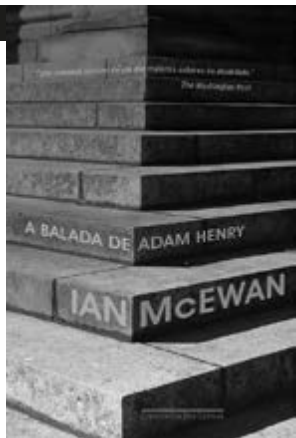


AMSTERDAM

1ª edição - 1998 /
Edição no Brasil -
Companhia das Letras, 2012

Fábula moral que conta a história de dois amigos: Clive Linley, compositor de música erudita, e Vernon Halliday, jornalista. Após o funeral de Molly Lane, ex-amante de ambos que sofreu longo e humilhante declínio mental antes de morrer, os dois fazem um pacto: caso um deles venha a padecer da mesma agonia, o outro deve libertá-lo, facilitando a eutanásia.

ESTANTE



A BALADA DE ADAM HENRY

1ª edição – 2014 /
Edição no Brasil –
Companhia das Letras, 2014

Fiona Maye, uma juíza do Tribunal Superior especialista em Direito da Família, é conhecida pela “imparcialidade divina e inteligência diabólica”. Mas, prestes a completar 60 anos, ela ainda se arrepende de não ter tido filhos e vê seu casamento desmoronar. Neste cenário, tem de lidar com o caso de Adam Henry, um garoto de 17 anos que sofre de leucemia e depende de uma transfusão de sangue para sobreviver. Seus familiares, contudo, são Testemunhas de Jeová e resistem ao procedimento.

NA WEB

SITE

<http://www.ianmcewan.com/> (em inglês)

WIKIPEDIA

https://pt.wikipedia.org/wiki/Ian_McEwan

FACEBOOK

<https://www.facebook.com/Ian-McEwan-305499726425/>
<http://is.gd/McEwan1>

ENTREVISTAS

“A utopia é uma das noções mais destrutivas”

Entrevista para o jornal *El País*, publicada em novembro de 2015
<http://is.gd/McEwan2>

http://brasil.elpais.com/brasil/2015/11/20/cultura/1448023510_439162.html

“Faria um dos meus personagens se perder em São Paulo”

Entrevista à *BBC Brasil*, publicada em outubro de 2013
<http://is.gd/McEwan3>

http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/10/130930_mcewan_flipside_preview_mv

Época

Entrevista para a revista *Época*, publicada em junho de 2007
<http://is.gd/McEwan4>

<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG77741-5856,00.html>

Veja

Entrevista para a revista *Veja*, publicada em julho de 2004

<http://is.gd/McEwan5>

http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/070704/entrevista_ian.html

VÍDEOS E LINKS

Editora Companhia das Letras

Página com os livros publicados no Brasil

<http://is.gd/McEwan6>

<http://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=01390>

Em novo romance, Ian McEwan explora mundo jurídico e religioso

Matéria publicada no jornal *O Globo*, em novembro de 2014

<http://is.gd/McEwan7>

<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/em-novo-romance-ian-mcewan-explora-mundo-juridico-religioso-14615811>

A lei segundo Ian McEwan

Texto de Ian McEwan, traduzido para o jornal *Folha de S.Paulo*, em outubro de 2014. O escritor britânico analisa o mundo das decisões judiciais, especialmente as que opõem lei e valores morais

<http://is.gd/McEwan8>

<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2014/10/1530499-a-lei-segundo-ian-mcewan.shtml>

Serena

Entrevista em vídeo no qual McEwan fala sobre a produção e a pesquisa para o livro *Serena*, gravada em agosto de 2012 (em inglês)

<http://is.gd/McEwan9>

<https://www.youtube.com/watch?v=kbuS-SHtzhU>

“Todo o romance é uma espionagem”

Matéria do *site* Saraiva Conteúdo, publicada em julho de 2012 durante a cobertura da Flip

<http://is.gd/McEwan10>

<http://www.saraivaconteudo.com.br/Materias/Post/46540>

Pelos olhos do outro

Vídeo que traz a participação de Ian McEwan na Flip em julho de 2012 (traduzido)

<http://is.gd/McEwan11>

<https://www.youtube.com/watch?v=3qadwHKjDyY>

Processo de escrita

Entrevista com Ian McEwan sobre o seu processo de escrita, gravado em abril de 2011 (em inglês)

<http://is.gd/McEwan12>

https://www.youtube.com/watch?v=q0ZEE9_iZRk

Em entrevista, escritor Ian McEwan diz que anseia por privacidade

Matéria da Reuters publicada no *site* UOL Entretenimento, em abril de 2007

<http://is.gd/McEwan13>

<http://entretenimento.uol.com.br/ultnot/2007/04/04/ult26u23854.jhtm>

A ARTE CAPAZ DE DAR FORMA A UMA SINFONIA DE CONTRADIÇÕES

POR FLÁVIO MOURA

Jornalista e doutor em Sociologia pela USP. Foi editor de livros da *Veja*, editorialista da *Folha de S. Paulo*, editor da revista *Novos Estudos Cebrap*, professor nas Faculdades de Campinas (Facamp) e diretor de programação da Festa Literária Internacional de Paraty (Flip). É editor da Companhia das Letras.

No panteão da literatura contemporânea, o inglês Ian McEwan ocupa posição singular. Não há dúvida de que, aos 40 anos de carreira e 68 de idade, ombreia com os maiores de sua geração, caso de seus amigos Salman Rushdie, Julian Barnes e Martin Amis.

Ao contrário deles, no entanto, McEwan cultivava uma espécie de paixão pela concretude das coisas. Se Rushdie faz contínuo esforço para atualizar as narrativas mágicas da tradição árabe, se Barnes é pródigo no lirismo dos momentos fugazes, e Amis celebrou-se como o *enfant terrible* da sátira política, McEwan notabilizou-se pelo empirismo em que alicerça seus romances.

Há uma anedota que ilustra bem essa característica. Certa vez, Barnes estava lendo um artigo do jornal *The Guardian* sobre um navio que, em 1893, congelou no Polo Norte. Os exploradores tinham construído uma turbina primitiva, movida a vento, para gerar eletricidade, e no artigo havia a descrição do capitão sobre o modo como acionaram a turbina logo antes do pôr do Sol, o primeiro daquele inverno no Ártico. Barnes adorou e emprestou o texto a McEwan. Ele leu e exclamou: “Isso é incrível! Uma turbina a vento já em 1893!”. Ao que Barnes retrucou: “Mas eu estava falando da descrição do pôr do Sol...”.

Há rigor científico por trás da ficção de McEwan. Se é verdade que os romancistas são os cientistas do comportamento humano, McEwan decerto figura entre os mais diligentes da categoria. É isso que se nota em Henry Perowne, por exemplo, o neurocirurgião que protagoniza seu romance *Sábado* (2005). O mesmo pode ser dito de Michael Beard, o cientista vencedor do Prêmio Nobel que figura em *Solar* (2010), romance inteiro dedicado ao debate em torno do aquecimento global. Ambos os livros são prodígios da grande literatura justamente por aquilo que são capazes de esconder por trás da prosa fluente: uma incansável pesquisa em revistas científicas e entrevistas com profissionais da área. O autor leva esse gosto ao paroxismo: é bem possível que McEwan seja o único romancista da atualidade a possuir uma gravata estampada com craniótomos – objeto usado para perfurar crânios em cirurgias.

A curiosidade pela ciência na obra de McEwan não é apenas apego pela exatidão ou apetite intelectual. Ela é o motor para a exploração de dilemas morais que estão no cerne da experiência contemporânea. Em seu mais recente romance, *A balada de Adam Henry* (2014), uma juíza de direito se vê diante de um jovem com leucemia cuja família prefere entregá-lo à morte a autorizar uma transfusão de sangue, proibida pela religião que praticam. Fiona, a juíza em questão, decide conhecer o jovem pessoalmente e estabelece com ele uma relação afetiva que serve de contraponto a um casamento em crise. E assim se arma o feixe de problemas de um típico livro de McEwan: o mundo irracional – a fé, no caso – em oposição às conquistas iluministas, também vistas em suas limitações. Um personagem em crise – e uma experiência limite que transforma sua vida. Uma centelha de dúvida desde a primeira página – e um suspense que mantém o leitor de olhos grudados no livro até a última.

Não se pode acusar McEwan de ser excessivamente cerebral. Há grande dose de reflexão em seus livros, não há dúvida, mas ela está sempre a serviço de uma capacidade única de capturar o leitor, que aliás responde por sua popularidade estrondosa – na Inglaterra, vive a distribuir autógrafos nas ruas e seus livros são anunciados nos jornais ao lado de notícias sobre estrelas do rock. “Tensão narrativa é sobretudo a capacidade de segurar a informação”, ele disse alguns anos atrás à revista *New Yorker*. Poucas linhas depois, o texto o apresentava como um “profundo

conhecedor do espanto, capaz de produzir o equivalente literário do gesto de abrir a torneira e sair; a inundação é previsível, mas mesmo assim ela choca quando a pia começa a transbordar”.

É isso que se nota em algumas cenas memoráveis de seus livros, como o ataque de cachorros ferozes a uma mulher em *Cães negros* (1992), o assassinato orgiástico em *The comfort of strangers* (1981, estranhamente traduzido para o português como *Ao Deus dará*), a iniciação sexual atabalhoada do impecável *Na praia* (2007), uma obra-prima de sutileza e concisão. McEwan acredita que um romance precisa mexer com o leitor. Apesar de motivado por ideias, ele sempre as traduz em cenas e ação, jamais numa conversa enfadonha entre os personagens. A cena de abertura de *Amor para sempre* (1997), por exemplo, traz cinco homens que seguram as cordas de um balão. Quando a situação foge de controle, todos começam a largar as cordas, à exceção de um deles, que é lançado ao ar e morre quando tenta se soltar, já a uma altura considerável. É um lance de ação e suspense, aliás traduzido de modo particularmente feliz na adaptação para o cinema, feita em 2004 por Roger Michel. Mas também está ali uma perfeita tradução para a teoria dos jogos, que examina as consequências de ações racionais do ponto de vista do indivíduo mas prejudiciais à coletividade.

Todos esses atributos do imenso escritor que é Ian McEwan talvez estejam resumidos em seu *magnum opus*, o romance *Reparação*, de 2001. Divido em três períodos, um em 1935, outro durante a Segunda Guerra, e por

fim uma coda, na Inglaterra no fim dos anos 1990, o livro é a história de Briony, uma garota que aos 13 anos acusa injustamente o namorado de sua irmã por estupro. Ele vai preso, é solto para lutar na guerra e depois tenta reencontrar a namorada após a garota retirar a acusação. Ao fim do livro, descobrimos estar lendo um romance de autoria de Briony, que se tornou uma escritora de sucesso e ao fim da vida tenta corrigir seu erro. Na realidade, a irmã e o namorado morreram na guerra e, portanto, nunca mais se reencontraram. Ali estão todas as virtudes de McEwan em grau máximo. A capacidade de puxar o tapete do leitor, com uma virada ao final que já se tornou clássica. As ambiguidades envolvidas na acusação da menina, que misturam ciúme, paixão, sexualidade reprimida, moralismo. A culpa como um tormento capaz de acompanhar toda uma vida. E a literatura, acima de tudo, como única arte capaz de dar forma a essa sinfonia de contradições.

É preciso, por fim, lembrar a face de Ian McEwan como intelectual público. Sua relação intensa com a racionalidade, a objetividade, a evidência, a investigação, não é algo que se vê apenas em sua obra literária. O escritor é presença constante nos jornais quando algum arroubo de fervor religioso causa estrago pelo mundo. Foi assim no 11 de Setembro, quando McEwan afirmou: “Os poderes da doce razão me parecem bem mais atraentes após o 11 de Setembro do que os apelos da fé – e não acredito mais que os dois tenham o mesmo peso na balança”. Foi assim após os atentados de Paris em dezembro de 2015, quando insurgiu-se contra “o niilismo

mo selvagem e o ódio” dos terroristas e contra a noção de paraíso cultivada pelos jihadistas, a seu ver “uma das piores ideias que a humanidade já teve”. McEwan é um humanista no sentido amplo da palavra. As muitas ferramentas de que dispõe como romancista estão também a serviço de um olhar atento e generoso para a realidade ao redor, pronto a identificar imposturas intelectuais e obscurantismos de toda sorte.

Eis uma síntese possível para a singularidade de Ian McEwan: amor pela razão e pelas possibilidades infinitas da literatura; apego à objetividade das coisas e à necessidade premente de seduzir o leitor; desprezo pelos descaminhos da fé mas crença absoluta no dever do escritor de se pronunciar sobre o mundo. Na conferência do *Fronteiras do Pensamento*, é a este autor complexo, multifacetado, denso e inquieto que o público tem o privilégio de assistir.

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

www.fronteiras.com